

Crise do jornalismo? Por uma narrativa jornalística mais propositiva, investigativa e cidadã¹

Criselli Montipó²

Pontifícia Universidade Católica do Paraná, PUCPR

Resumo

Fala-se muito da crise do jornalismo, do espaço que as novas tecnologias vêm ocupando para a troca de informações, do cidadão como gerador de conteúdo. Mas como usar esse cenário a favor da qualificação jornalística? Este artigo analisa o caso das enchentes ocorridas no Paraná em junho de 2014 e constata que é preciso um jornalismo mais propositivo, que use os meios tecnológicos para investigações de que o cidadão precisa para a manutenção de sua cidadania. A metodologia adotada foi a Análise Crítica da Narrativa, proposta por Motta (2013).

Palavras-chave: Fundamentos do jornalismo; Narrativa jornalística; Cidadania; Jornalismo investigativo; Enchentes no Paraná de 2014.

Crise, cidadania e investigação

Mundialmente conhecida, a história de que o caractere chinês para crise (*weiji* ou 危機) – que significaria tanto perigo como oportunidade – é falsa. Quando Adam Sun escreveu sobre o assunto na revista *piauí*, na edição 6, em março de 2007, sob o título *Mas nem na China*, realizou muitas pesquisas, com certeza. Inclusive para explicar que o dicionário *Xinhua Cidian* traz a seguinte definição da palavra: “*que é composta pela justaposição dos caracteres wei e ji: ‘período crucial em que um grave perigo ameaça a própria existência’*”³.

Sun, ainda esclarece que, segundo o *New Practical Chinese-English Dictionary*, *weiji* significa “*crise; situação de perigo; momento precário*”⁴. Exatamente o momento que vive o jornalismo. Embora seja uma falácia de que crise e oportunidade comporiam a

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista, mestre em Jornalismo. Professora dos cursos de Jornalismo e Relações Públicas da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR), e-mail: criselli@gmail.com.

³ Disponível em: <<http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-6/esquina/mas-nem-na-china>>. Acesso: 20 jul. 2014.

⁴ *Ibidem*.

mesma palavra, em chinês, a ideia de usar uma crise como uma bela oportunidade de mudança, serve de grande inspiração para esses tempos difíceis.

Um levantamento feito pelo *Comunique-se*⁵ mostra que mais de 1.230 jornalistas foram demitidos em 2012. De acordo com o portal, a maioria das dispensas foi motivada por cortes orçamentários e reestruturações. Tal enxugamento das redações se deu principalmente devido ao fim da publicação de veículos e à migração do impresso para o online. Entretanto, o fenômeno é mundial. Para se ter uma ideia, basta analisar os dados do centro de monitoramento *Paper Cuts*, desde sua criação, em 2007: em quatro anos e meio 21.008 vagas de jornalistas foram eliminadas nos jornais dos EUA⁶.

Some-se a isso o fato de a publicidade também ter diminuído nas empresas de comunicação, a ampliação de acesso à internet e ao crescimento da geração de conteúdo pelos cidadãos. A isso tem se chamado de crise do jornalismo. Talvez, o mais correto seja dizer que essa é uma crise das instituições jornalísticas. Por quê?

Porque o ideal contemporâneo de jornalismo continua a privilegiar o entendimento de que as narrativas da mídia sejam um espaço para a manifestação pluralista e a manutenção do sistema democrático. Kovach e Rosenstiel (2004, p. 31)⁷, ressaltam que a primeira responsabilidade dos jornalistas é com a manutenção da cidadania: “a principal finalidade do jornalismo é fornecer aos cidadãos as informações de que necessitam para serem livres e se autogovernar”.

Uma dificuldade, nesse aspecto, é o fato de a noção de cidadania não ter uma definição estanque, mas ser um conceito histórico: seu sentido varia no tempo e no espaço. Embora complexa, esta ideia está baseada na noção de que ser cidadão é ter direito à vida, à liberdade, à propriedade, à igualdade perante a lei, segundo Pinsky e Pinsky (2008). É pertencer à comunidade, ter direitos.

É também participar no destino da sociedade, votar, ser votado, ter direitos políticos. Os direitos civis e políticos não asseguram a democracia sem os direitos sociais, aqueles que garantem a participação do indivíduo na riqueza coletiva: o direito à educação, ao trabalho justo, à saúde, a uma velhice tranquila. Exercer a

⁵ Disponível em: < <http://portal.comunique-se.com.br/index.php/editorias/9-contra-ataque/70513-mais-de-mil-jornalistas-foram-demitidos-nos-ultimos-doze-meses.html#>>. Acesso: 20 jul. 2014.

⁶ Disponível em: < <http://www.brasil247.com/pt/247/midiatech/7086/Jornalismo-novo-modelo-deixa-patr%C3%B5es-de-pernas-pro-ar.htm#>>. Acesso: 20 jul. 2014.

⁷ A obra *Elementos do Jornalismo* é resultado do trabalho do Comitê dos Jornalistas Preocupados, formado nos Estados Unidos, que reuniu 21 discussões públicas, com cerca de 3 mil pessoas e mais de 300 testemunhos de jornalistas.

cidadania plena é ter direitos civis, políticos e sociais (PINSKY e PINSKY, 2008, p. 11).

Além disso, o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros⁸ tem como base o direito fundamental do cidadão à informação, que abrange o direito de informar, de ser informado e de ter acesso à informação.

Ao contar, lembrar, recontar, registrar, debater, polemizar, o jornalismo ajuda a memória coletiva e individual a tornar-se social e histórica, além de contribuir consigo mesmo para que seja, como outras áreas, memória da humanidade. E contribuir para que tal memória se constitua como referência para a ação, para a opinião, para a democracia e para a constituição da cidadania (KARAM, 2005, p.251).

Portanto, é possível perceber que, como pressupostos, o jornalismo possui muitas obrigações para com a manutenção da cidadania. Entre eles, deve atentar para sua dimensão socializadora ao difundir informações; para sua função educativa ou orientativa; para o exercício cidadão, sendo vigilante do sistema político e abrindo espaço para as opiniões divergentes; e ainda para o protagonismo na gestão do ócio ou entretenimento das pessoas, conforme destacam Fontcuberta e Borrat (2006).

Embora a imprensa brasileira compartilhe o ideal de ser democrática e, portanto, difusora de sentidos que auxiliem na manutenção da cidadania, é preciso lembrar que a produção jornalística não é neutra, mas carregada de sentidos atribuídos pela empresa jornalística, pelos jornalistas, suas fontes ou, ainda, condicionantes externas, como a política e a economia. A produção jornalística resulta, então, de um processo de construção em que estão em jogo fatores de natureza pessoal, social, ideológica, cultural, histórica e tecnológica que são difundidos pelos meios noticiosos.

É importante ressaltar, no entanto, que a questão da cidadania esteve ausente do debate por muito tempo, tanto na academia, como nas práticas profissionais. Temer (2011) lembra que o fim do Regime Militar, o surgimento da Nova República e a elaboração da Constituição Federal de 1998 (chamada de Constituição Cidadã), lançaram novas luzes sobre essa questão. Mesmo assim, as discussões sobre mídia e cidadania ainda não correspondem à importância dos imbricamentos que envolvem essa relação.

Trata-se de uma constatação dolorosa, mas não surpreendente. Na história do Brasil, a preocupação com cidadania tem sido um dos elementos mais ausentes. O

⁸ O Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros foi atualizado no Congresso Extraordinário dos Jornalistas, realizado em Vitória, Espírito Santo, de 3 a 5 de agosto de 2007. O documento está disponível na página da Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj), em: <http://www.fenaj.org.br/federacao/cometica/codigo_de_etica_dos_jornalistas_brasileiros.pdf>. Acesso em: 21 maio 2012.

Estado brasileiro, em função de múltiplos elementos – inclusive uma triste vocação para o autoritarismo – não tem se mostrado capaz de garantir o exercício concreto da cidadania para toda a população do país. Nas cidades e nos campos ainda predomina a desigualdade e o tratamento diferenciado no acesso a serviços essenciais para a vida humana (TEMER, 2011, p.17).

Medina (2003; 2006) também denuncia a falta de abrangência nas narrativas da contemporaneidade. De acordo com a autora, o grande déficit provém da ausência de um modo de fazer jornalístico que trabalhe com a visão de mundo e as atrofias da sensibilidade, da razão e da ação criativas. A autora defende a tríplice tessitura: ética, técnica e estética, que dotam a reportagem de sedução, e que devem estar presentes em todo o processo de produção, desde a pauta, nas entrevistas, até a redação final do texto. Para Medina, a reportagem pode assim contribuir para amplificar visões e situações que até então se encontravam invisíveis do grande público, pode “descobrir essa trama dos que não têm voz, (...) recriar os falares, a oratura dos que passam ao largo dos holofotes da mídia convencional” (2003, p. 52). Para Gentili (1995), cabe também ao jornalismo, com uma mídia comprometida, difundir informações necessárias para que haja uma sociedade mais igualitária, em que os cidadãos consigam exercer sua cidadania na sociedade contemporânea.

O ideal jornalístico, portanto, prioriza que seu relato compreenda o intrincado e complexo tecido social: que organize, esclareça, filtre as inúmeras informações que circulam na sociedade e as ofereça aos cidadãos de forma que eles atribuam sentidos.

A crise jornalística, portanto, parece estar relacionada à falta de um jornalismo mais propositivo, que possa oferecer pautas que, de fato, auxiliem na manutenção da cidadania.

Em um momento que há oceanos de dados na internet, o jornalismo pode recuperar um papel que lhe é primordial: o de fazer boas investigações. No entanto, é preciso destacar que para que sua função social seja cumprida, é preciso que sejam, de fato, investigações realizadas pelos próprios repórteres – dados que analisados processados – gerem informações até então desconhecidas do público (Kovach; Rosenstiel, 2004).

Um exemplo deste jornalismo propositivo é dado por Anderson; Bell e Shirky (2013), no relatório *Jornalismo Pós- Industrial: Adaptação aos Novos Tempos*, do Tow Center for Digital Journalism da Columbia Journalism School. Eles propõem que este jornalismo atento às necessidades dos cidadãos pode gerar dados – a partir da análise de documentos, sites, etc – de forma que seja um jornalismo preventivo, que identifique e procure evitar tragédias.

Anderson; Bell e Shirky destacam que o mais comum é uma espécie de jornalismo preventivo de emergência, que nos dias após um evento trágico busca identificar onde ocorrem falhas semelhantes à que levou à catástrofe da vez. “Todo ano, quando as chuvas desabarem matando pessoas, o leitor ficará sabendo que: Já havia estudos indicando o risco iminente da região afetada. Obras emergências não foram feitas. O orçamento não foi devidamente executado a tempo” (2013, p. 18).

Como usar a informação jornalística para tentar evitar que novos desastres ocorram? Perguntam os autores. A resposta, segundo eles, está na investigação de informações públicas. “Afinal, sabemos que eles ocorrem e ocorrerão, mas não sabemos onde e quando. A resposta pode estar no bom uso de informações públicas e em bancos de dados disponíveis” (2013, p. 18). Os autores partem de cinco grandes convicções: o jornalismo é essencial; o bom jornalismo sempre foi subsidiado; a internet acaba com o subsídio da publicidade; a reestruturação se faz, portanto, obrigatória; há muitas oportunidades de fazer um bom trabalho de novas maneiras.

O jornalismo expõe a corrupção, chama a atenção para a injustiça, cobra políticos e empresas por promessas e obrigações assumidas. Informa cidadãos e consumidores, ajuda a organizar a opinião pública, explica temas complexos e esclarece divergências fundamentais. O jornalismo exerce um papel insubstituível tanto em regimes democráticos como em economias de mercado (ANDERSON; BELL E SHIRKY, 2013, p. 37).

Para refletir sobre a temática de seu papel cidadão diante de desastres e o uso do jornalismo investigativo, este artigo analisa o caso das enchentes ocorridas no Paraná em junho de 2014 com o intuito de analisar se, neste caso, houve um jornalismo propositivo.

Procedimentos metodológicos e análise

A metodologia adotada foi a Análise Crítica da Narrativa, proposta por Motta (2013). O autor considera a análise crítica da narrativa, como sendo o estudo metódico, orgânico, rigoroso do processo de comunicação narrativa que, para ele, nasce da dúvida sobre o pré-estabelecido, e persegue o conhecimento sistemático a respeito das relações históricas que configuram as histórias reais ou ficcionais.

Portanto, a análise deu atenção à *recomposição da intriga* (recompor o enredo completo) e à *identificação dos conflitos*, afinal, “a situação de uma narrativa jornalística é, quase sempre, um fato de conotações dramáticas imediatas e negativas, que irrompe, desorganiza e transtorna” (MOTTA, 2010, p. 149).

A partir de tais recursos metodológicos, a seleção de reportagens se deu de forma a permitir a análise da cobertura sobre as enchentes ocorridas no Paraná em junho de 2014. Tratou-se de uma observação atenta à mídia de maior abrangência no Paraná. Para tanto, foram analisadas reportagens nas emissoras de TV Band, RIC, RPC e Rede Massa; nas emissoras de rádio BandNews, CBN e Banda B; nos portal Paraná Online e G1 Paraná; e no jornal Gazeta do Povo.

De acordo com a Defesa Civil do Estado, 837.153 pessoas foram afetadas no Paraná pelas três grandes chuvas registradas entre 5 e 12, nos dias 13 e 14 e no dia 27 de junho, que geraram alagamentos em 152 municípios paranaenses. A cidade paranaense mais afetada foi União da Vitória, no sul do Estado, que teve 40% da área submersa (durante a enchente, o rio chegou a 8,13, sendo que o normal é 2,5 metros). Com isso, mais de 12 mil habitantes da cidade foram obrigados a deixar suas residências.

Todos os veículos analisados realizaram a cobertura no período de chuvas intensas. A maioria prestou serviços de utilidade pública, ao trazer informações sobre como realizar doações ou sobre a antecipação no uso de benefícios do INSS aos afetados pelas enchentes de junho, como foi o caso da BandNews⁹. Ou, ao trazer dados sobre a liberação de recursos emergenciais pelo Governo Federal, como fez a Gazeta do Povo¹⁰ e o portal G1 Paraná¹¹.

Um fator importante analisado foi a ausência de uma cobertura propositiva, tendo em vista que o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC 2), do Governo Federal, destinou recursos para prevenção de desastres naturais em Curitiba e Região Metropolitana. Além disso, a Prefeitura de Curitiba também anunciou – dois meses antes das chuvas que atingiram a capital – a liberação de verba para drenagem e prevenção de riscos¹². Inclusive,

⁹ Disponível em: <<http://bandnewsfmcritiba.com/2014/06/27/inss-antecipa-beneficios-aos-afetados-pelas-enchentes-de-junho/>>. Acesso: 19 jul. 2014.

¹⁰ Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/chuvas/conteudo.phtml?id=1476329>>. Acesso: 19 jul. 2014.

¹¹ Disponível em: <<http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2014/06/dilma-promete-agilizar-recursos-atingidos-pela-chuva-no-parana.html>>. Acesso: 19 jul. 2014.

¹² Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/curitiba-vai-investir-r-798-milhoes-em-projetos-para-prevenir-enchentes/32718>>. Acesso: 19 jul. 2014.

muitos portais reproduziram os release da prefeitura na íntegra, sem sequer acrescentar perspectivas ou dados.

Em julho, a Gazeta do Povo publicou a reportagem: *PAC 2 está no fim e metade das obras no Paraná nem foi licitada*¹³, que traz a informação de que 2.381 obras programadas para o estado, 1.004 ainda não haviam sido iniciadas. No entanto, os dados são do último relatório do programa. Poucas foram as reportagens analíticas, não factuais, realizadas pelos principais veículos de comunicação paranaenses sobre o episódio.

Contatou-se a ausência de reportagens produzidas a partir de investigações dos próprios jornalistas, que poderia ser realizada com informações de bancos de dados virtuais, como dos portais transparência do Governo Federal (www.portaldatransparencia.gov.br) e da Prefeitura de Curitiba (www.transparencia.curitiba.pr.gov.br).

Sabe-se que o enxugamento das redações tem grande impacto sobre essa dinâmica de trabalho, já que são cada vez menos jornalistas para dar conta de grandes volumes de pautas. Portanto, sobra pouquíssimo tempo para investigações em bancos de dados, que dependem de tempo e dedicação e pesquisa dos jornalistas.

Precisamos, hoje e num futuro próximo, de um exército de profissionais que se dedique em tempo integral a relatar fatos que alguém, em algum lugar, não deseja ver divulgados, e que não se limite apenas a tornar disponível a informação (mercadoria pela qual somos hoje inundados), mas que contextualiza a informação de modo que chegue ao público e nele repercuta (ANDERSON; BELL E SHIRKY, 2013, p. 37).

Os autores são otimistas: “graças a fenômenos como o movimento da transparência e a disseminação de redes de detecção, um jornalista hoje em dia tem acesso a muito mais informação do que antes. Tem novas ferramentas para transmitir a informação de forma visual e interativa” (2013, p. 41). Defendem que os repórteres têm muito mais maneiras de fazer seu trabalho chegar ao público, pois podem contar com a ubiquidade da busca, a popularização de fontes constantemente atualizadas (o *Facebook* com sua linha de tempo, o *Twitter* em sua totalidade), o *wiki* como formato para a inserção de novas informações. Tudo isso faz o público ter muito mais meios de obter e processar notícias.

A disponibilidade de recursos, como fotos tiradas pelo cidadão comum, não elimina a necessidade do jornalismo nem de jornalistas, mas altera sua função. O profissional deixa de ser o responsável por registrar a primeira imagem ou fazer uma observação inicial e passa a ser aquele que solicita a informação e,

¹³ Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?id=1483595#ancora>>. Acesso: 19 jul. 2014.

em seguida, filtra e contextualiza o que recebe. Um termo hoje muito usado, *crowdsourcing*, implica por si só uma relação de "um com vários" para o jornalista, que lança uma pergunta a um grande grupo de pessoas ou recorre a esse exército de gente para achar respostas. Mas essa multidão também pode ser uma série de indivíduos atuando por meio de redes – multidão que pode ser interrogada e utilizada para uma versão mais completa dos fatos ou para a descoberta de coisas que seriam difíceis ou demoradas de apurar com o modelo tradicional de reportagem (ANDERSON; BELL E SHIRKY, 2013, p. 48).

Portanto, é hora de contar com o público de forma mais interativa, a fim de desvendar dados e buscar informações que muitas vezes podem vir do público – agora detentor de tecnologias – mas sem a responsabilidade e capacitação necessárias para realizar a filtragem e atribuir sentidos aos dados.

Considerações finais

Prova de que o jornalismo de qualidade é viável – principalmente a partir da ideia de investigação e cidadania – e que os cidadãos estão interessados nele, é a existência da Agência Pública (apublica.org), um modelo de negócio sem fins lucrativos que recebe financiamento de fundações de apoio à democracia e *crowdfunding*.

Vale ressaltar, ainda, que a relevância dos grandes veículos não pode ser ignorada. O que precisa haver, nestes espaços, é a revalorização da boa reportagem, para que a chamada crise do jornalismo seja superada pelas instituições – que são as que mais diretamente estão envolvidas na crise – para que apoiem iniciativas de um jornalismo propositivo.

É um processo de adaptação aos novos tempos, como levantam inúmeros autores citados neste artigo, para que o jornalismo use os meios tecnológicos para investigações de que o cidadão precisa para a manutenção de sua cidadania.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, C. W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. **Jornalismo Pós-Industrial: adaptação aos novos tempos**. Revista de Jornalismo ESPM, abril-junho de 2013, pp.30-89.

FONTCUBERTA, Mar de; BORRAT, Hector. **Periódicos: sistemas complejos, narradores en interacción**. Buenos Aires: La Crujía, 2006.

GENTILLI, Victor. **Democracia de Massas: Cidadania e informação**. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 1995.

KARAM, Francisco José. **A ética jornalística e o interesse público**. São Paulo: Summus, 2004.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. O que os jornalistas devem saber e o público exigir. Tradução de Wladir Dupont, 2ª edição. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

MEDINA, Cremilda. **A arte de tecer o presente**. Narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

_____. **O signo da relação: Comunicação e pedagogia dos afetos**. São Paulo: Paulus, 2006.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

_____. **Análise pragmática da narrativa jornalística**. In LAGO, Cláudia e BENETTI, Márcia. (orgs). Metodologia de pesquisa em jornalismo. 2ª edição. Petrópolis: Vozes, 2010.

PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla Bassanezi. **História da cidadania**. 4. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2008.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessoa (org). **Mídia, cidadania e poder**. Goiânia: Facomb/Funape, 2011.

Veículos analisados

Band TV

<http://www.band.uol.com.br/tv/curitiba/>

RIC

<http://pr.ricmais.com.br>

RPC

<http://redeglobo.globo.com/rpctv/>

Rede Massa

<http://www.redemassa.com.br>

BandNews

<http://bandnewsfmcureitiba.com>

CBN

<http://www.cbncureitiba.com.br>

Banda B

<http://www.bandab.com.br>

Gazeta do Povo

<http://www.gazetadopovo.com.br>

Paraná Online

<http://www.parana-online.com.br>

G1 Paraná

<http://g1.globo.com/pr/parana>